



## FUZILEIROS NAVAIS NO HAITI

A evacuação de não combatentes em 2004 e o destacamento de Segurança da Embaixada brasileira em Porto Príncipe

Stewart da Paixão Gomes \*

No início de 2004, mais uma vez, o Haiti vivia uma crise interna que levou à deposição de seu Presidente, Jean Bertrand Aristide. As demonstrações de insatisfação com o governo vinham se intensificando desde 2002 e tiveram origem no norte do país, na cidade de Gonaives. Os rebeldes avançaram em direção à capital Porto Príncipe, eliminando toda a resistência governista, imposta pela Polícia Nacional Haitiana, e recrutando ex-militares que haviam sido dispensados, quando o próprio Aristide, em 1994, extinguiu as Forças Armadas Haitianas, medida polêmica e ilegal. Em 27 de fevereiro, esses rebeldes sitiaram a capital e pediram a renúncia do Presidente, sob a ameaça de invasão da cidade para destituí-lo, à força, e matá-lo. Aristide saiu do país no dia 29, apoiado pelo governo americano, em situação, até hoje, controversa, alegando um suposto sequestro, e obtendo asilo na República Centro Africana.

Essa instabilidade levou à intervenção multinacional no Haiti, em 2004, liderada por EUA e França, com apoio do Canadá e Chile. No mesmo dia em que Aristide deixou o país, o Conselho de Segurança das Nações Unidas autorizou essa intervenção, que foi seguida pela criação da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH).

A MINUSTAH, aprovada durante a intervenção, foi estabelecida em 1º de junho daquele ano e perdurou até outubro de 2017, tendo o Brasil desempenhado papel de destaque, comandando o Componente Militar durante os treze anos da Missão e contribuindo com mais de 37 mil capacetes azuis<sup>(1)</sup>, incluindo a presença marcante dos fuzileiros navais, organizados em um Grupamento Operativo, conhecido como os *Brazilian Marines* (BRAMAR).

Mas a participação da tropa anfíbia e expedicionária da Marinha do Brasil no Haiti teve início antes da criação da MINUSTAH. Em

28 de fevereiro daquele ano, fuzileiros navais, apoiados por aeronave C-130 da Força Aérea Brasileira (FAB), participaram da operação de evacuação dos brasileiros que se encontravam em situação de risco no país e estabeleceram um Destacamento de Segurança de Embaixada para a proteção da representação diplomática brasileira e das instalações em Porto Príncipe, situação mantida até os dias de hoje.

Essa operação, que em 2024 completará vinte anos, foi mais um marco da história do Corpo de Fuzileiros Navais (CFN), atestando o pronto emprego e a capacidade expedicionária dessa tropa profissional e demonstrando adaptabilidade às demandas do complexo mundo atual.

Este artigo rememora essa ação de evacuação de não combatentes, seguida da ativação do Destacamento de Segurança de Embaixadas no Haiti, que assegurou a permanência do Embaixador brasileiro no país nos meses cruciais que antecederam a criação da MINUSTAH, o que contribuiu para o estabelecimento do contingente brasileiro dessa Missão.

## O INSTÁVEL HAITI

O Haiti está localizado entre o Mar do Caribe e o Atlântico, ocupando um terço da Ilha de Hispaniola, a qual divide com a República Dominicana. Com cerca de 28 mil quilômetros quadrados, seu território equivale ao estado de Alagoas, terceiro menor da Federação brasileira. A população estimada do Haiti é de cerca de 11,5 milhões de habitantes, quase quatro vezes a população de Alagoas. O país possui o pior Índice de Desenvolvimento Humano das Américas<sup>(2)</sup>, com 60% de sua população abaixo da linha de pobreza, segundo a UNICEF<sup>(3)</sup>.

Com uma história conturbada, foi uma das primeiras ilhas visitadas por Colombo, na des-

coberta do Novo Mundo, em 1492. À época, era ocupada por indígenas, que em poucos anos foram exterminados pelos espanhóis e suas doenças. Por essa razão, no final do século 17, quando a França recebeu da Espanha aquele território, o qual chamava de Saint-Domingue, trouxe escravos africanos para lidarem com as lavouras de cana-de-açúcar e café.

Escravos de diferentes etnias africanas e seus descendentes, nascidos naquela ilha, tornaram-se a principal origem do povo haitiano. Essa mescla de origens gerou fraturas na sociedade que não respeitaram as similitudes daqueles povos, separados em diferentes grupos, que recorriam a violência, frequentemente, mesmo na solução de conflitos internos.

Foi esse povo que no final do século 18, a despeito de suas diferenças, se levantou contra o governo colonial francês. Após treze anos de luta armada, em 1º de janeiro de 1804, em meio às Guerras Napoleônicas, o Haiti conquistou sua independência, tornando-se a primeira nação independente no continente americano, não reconhecida pelas principais potências da época. Depois disso, rivalidades internas tomaram conta do país. Em 1822, o governo haitiano tomou toda a ilha e a parte espanhola, hoje República Dominicana, foi anexada ao Haiti. Esta situação perdurou por cerca de 23 anos, quando os dominicanos, também pelas armas, conquistaram a independência de seus vizinhos haitianos.

O ambiente interno instável e violento do Haiti foi agravado pela pesada indenização cobrada pela França para reconhecer sua independência, em 1825. Nesses quase 220 anos que se seguiram à independência, por diversas vezes, forças militares estrangeiras se fizeram presentes para conter crises internas. Entre 1993 e 2000, cinco missões da ONU tentaram estabilizar o Haiti. Intervenções dos EUA foram também recorrentes, haja vista a proximidade geográfica entre os dois países e a grande colônia haitiana no território norte-americano<sup>(4)</sup>.

## BRASIL E HAITI

O Brasil iniciou relações diplomáticas com o Haiti em 1928 e, desde 1950, mantém um representante brasileiro creditado junto àquele governo. A partir de 1982, iniciou uma maior aproximação, fruto do Acordo de Cooperação Técnica firmado entre os dois paí-



ses. Mas a participação brasileira na MINUSTAH foi, certamente, o principal marco da cooperação brasileira naquele país e a mais longeva operação expedicionária de nosso CFN.

No entanto, aquela não foi a primeira passagem de um Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais (GptOpFuzNav) pela Ilha de Hispaniola. Em maio de 1965, comendo, com um Batalhão de Infantaria do Exército Brasileiro, a Força Armada Interamericana do Brasil (FAIBRAS), um GptOpFuzNav desembarcou na República Dominicana. A FAIBRAS integrou a Força Interamericana de Paz criada por resolução da Organização dos Estados Americanos (OEA) com o propósito de contribuir para a restauração da normalidade naquele país, que sofria as consequências de uma Guerra Civil. À época, navios da Esquadra e aeronaves da FAB também participaram das operações, prestando o apoio logístico à FAIBRAS.

A despeito das agruras nos campos político e social, do ponto de vista cultural o Haiti se apresenta vibrante, onde os contrastes se manifestam de maneira rica, como no Brasil. Os haitianos também são apaixonados pelo futebol e a Seleção Canarinho está entre as preferidas naquele país. Ademais, nosso sincretismo cultural e étnico guarda herança da mesma África onde se originou a população haitiana, proporcionando grande empatia entre nossos povos.

## **A CRISE HAITIANA DE 2004**

No início de 2004, o Haiti vivia uma crise humanitária causada por revoltas internas contra a administração do Presidente Jean Bertrand Aristide. As primeiras manifestações começaram em 2002 e, no final de 2003, teve início uma série de assassinatos perpetrados por rebeldes. No início de 2004, insuflados pelas comemorações do bicentenário da independência, os rebeldes dominavam as cidades de Gonaives e Cap-Haitien. Em 26 de fevereiro, Porto Príncipe se encontrava sitiada e o líder rebelde Guy Philippe ameaçava entrar na cidade para depor o Presidente Aristide, que se recusava a deixar o país.

Nessa época, o comércio nas cidades estava interrompido e não havia combustíveis, essenciais para a produção de energia elétrica e para o transporte. Gangues de rua, muitas delas leais ao Presidente (chimères), montavam barricadas nas principais avenidas de Porto Príncipe e os saques e sequestros eram frequentes. A entrada de bens de consumo no país estava interrompida, com o porto da capital inoperante. Pouca

coisa ainda entrava por terra, através da fronteira com a República Dominicana. A falta de segurança havia interrompido os voos no aeroporto Toussaint Louverture e alguns países conseguiram realizar a retirada de seus cidadãos, que ali residiam, apenas por meio de aeronaves militares. Algumas representações diplomáticas deixaram o Haiti e outras trouxeram seus próprios agentes para implementarem ou reforçarem a proteção de seus diplomatas e a segurança de suas instalações. As comunicações locais foram interrompidas pela derrubada de antenas da rede de telefonia celular, bem como pela interrupção da produção de energia elétrica.

Estados Unidos, França e Canadá vinham manifestando sua preocupação com a situação do país e com a maneira que Aristide lidava com ela, pressionando por uma solução pacífica e sugerindo a renúncia do Presidente, considerado o pivô de tudo. Em janeiro de 2004, diversos países das Américas e Europa haviam se reunido em Ottawa para discutirem possíveis soluções para a crise, mas sem a presença de representantes do governo haitiano. A OEA também se envolveu no esforço de conciliação, no entanto nenhuma dessas iniciativas logrou soluções práticas para a crise, que terminou com a renúncia e exílio do Presidente Aristide, deixando o Haiti com um governo provisório e afundado em um mar de problemas sociais e econômicos, totalmente dependente da ajuda da comunidade internacional.

## **A EVACUAÇÃO DOS BRASILEIROS DO HAITI**

A deterioração da situação no Haiti era acompanhada pelo governo brasileiro, através de seu Embaixador, Armando Vitor Boisson Cardoso, que estava naquele país desde março de 2001. Na manhã do dia 26 de fevereiro, foi autorizado pelo Presidente da República o emprego do poder militar brasileiro para, em coordenação com o Ministério das Relações Exteriores (MRE), realizar uma operação de evacuação dos cidadãos nacionais que desejassem sair do Haiti, reforçar a segurança da Embaixada brasileira em Porto Príncipe e garantir a proteção dos seus funcionários. Naquele momento, tinha-se a previsão de saída de cerca de 28 brasileiros. Caso houvesse disponibilidade de espaço na aeronave, foi autorizado pelo MRE o embarque de cidadãos de outros países sul-americanos, que poderiam ser trazidos ao Brasil, caso desejassem.

Mediante a decisão presidencial, o Ministério da Defesa decidiu pelo emprego de meios e

peçoal da Marinha do Brasil e da FAB. Foram designados um GptOpFuzNav e uma aeronave C-130 (Hércules) para, a partir do Rio de Janeiro, realizarem o movimento até Porto Príncipe. Como havia a possibilidade da permanência do Embaixador no país, a depender da evolução da crise, também fazia parte da missão o transporte de itens críticos, como água, alimentos e combustível. O MRE também decidiu por enviar dois diplomatas, integrando a Missão.

O Comandante da Marinha atribuiu ao Comandante-Geral do CFN as ações de organizar, planejar e executar as tarefas afetas à Força, as quais foram realizadas pelo Comando do Material de Fuzileiros Navais (CMatFN), que enquadrava a Companhia de Polícia do Batalhão Naval (CiaPolBtlNav)<sup>(5)</sup> – que possui as atribuições de, entre outras, realizar a segurança de instalações e a proteção de autoridades civis e militares. Em 2004, a Companhia guardava experiências similares da segurança das Embaixadas Brasileiras em Argel (Argélia) e Assunção (Paraguai). Nesta última, em 2000, a Companhia também havia participado da extração do Presidente Raúl Cubas, que solicitara asilo político no Brasil.

A Ordem de Movimento expedida pelo Comandante-Geral chegou ao CMatFN por volta das 13h de 26 de fevereiro, estabelecendo a chegada na Base Aérea do Galeão às 5h do dia seguinte, haja vista a decolagem ter sido prevista para as 8h de 27 de fevereiro. Assim, rapidamente foram reunidos pessoal e material necessários ao cumprimento da missão, atendendo às limitações de volume e peso da aeronave.

As experiências anteriores do CFN na atividade de segurança de Embaixadas levaram à sistematização do processo de ativação de novos destacamentos, por meio de norma específica do Comando-Geral do CFN. Foram convocados militares capacitados<sup>(6)</sup> no Curso de Segurança de Embaixadas e concentrados os meios necessários a complementar o material de pronto emprego, mantido permanentemente segregado na CiaPolBtlNav.

Nas dezesseis horas disponíveis à prontificação do GptOpFuzNav, o CMatFN e suas unidades subordinadas, apoiados pela Força de Fuzileiros da Esquadra, reuniram todo o material necessário à permanência na área de operações por vinte dias: água, rações operacionais, armamentos, munições, equipamentos de comando e controle, material de saúde, barracas, coletes e capacetes balísticos, além de itens individuais. Dadas as limitações da capacidade de carga da aeronave para aquele tipo de missão, os veículos

que se fizessem necessários na área de operações ficariam a cargo da Embaixada. Um suprimento de fundos específico foi fornecido pela Diretoria de Finanças da Marinha, a fim de possibilitar aquisições de emergência.

O GptOpFuzNav selecionado era composto por um capitão-tenente, três sargentos e doze cabos, incluindo pessoal egresso da Embaixada de Argel, com boas noções da língua francesa, elementos de operações especiais, um enfermeiro, motoristas experientes com conhecimento de mecânica de automóveis, eletricitista e especialistas em comunicações.

Em 27 de fevereiro, o C-130 da FAB decolou às 8h da Base Aérea do Galeão, no Rio de Janeiro, demandando Boa Vista-RR, onde faria uma parada técnica para reabastecimento e descanso de todos. Durante a viagem e em Boa Vista foram realizados briefings entre os fuzileiros, a tripulação e os integrantes do MRE, para nivelamento dos conhecimentos e coordenação final das ações em terra. Também foram passadas informações ao Embaixador no Haiti sobre itens que não poderiam ser embarcados e como o pessoal a ser evacuado deveria se portar, antes





A evacuação em 29 de fevereiro



do embarque, em termos de documentação a ser apresentada no posto de triagem.

Em face da confirmação da inoperância do aeródromo de Porto Príncipe, parcela da carga que estava sendo levada foi deixada em Boa Vista, permanecendo lá parte da água potável, alguns barris de combustível e, ainda, limitando o material individual de cada fuzileiro naval à sua mochila de assalto. Também em Boa Vista foram emitidos os passaportes de alguns militares. Esse aspecto era considerado fundamental pelo MRE, pois queria-se configurar a entrada no Haiti de maneira regular, a despeito de todos os serviços daquele governo estarem fechados, àquela época.

Ao meio-dia de 28 de fevereiro, a aeronave brasileira sobrevoava Porto Príncipe. Navios franceses e norte-americanos encontravam-se próximos à costa, aguardando autorização do Conselho de Segurança das Nações Unidas para iniciarem a intervenção. Após rápido sobrevoo da área do aeroporto, para descartar a presença ostensiva de elementos adversos que pudessem oferecer riscos à aeronave, foi realizado um pouso tático, com entrada pela cabeceira 10. Percorrendo menos de um terço da pista, o C-130 demandou à área de embarque e desembarque de cargas, posicionando-se na direção da pista, pronto para a decolagem.

Após a parada da aeronave, parcela do GptOpFuzNav, a Unidade Tarefa (UT) de Segurança, assumiu posição de maneira a garantir a

proteção da aeronave e da tripulação. A UT de Evacuação estabeleceu contato com o Embaixador no interior do aeroporto. Nesse momento, com a certeza de poder contar com os fuzileiros navais para garantirem sua segurança, o Embaixador decidiu permanecer no Haiti e manter a representação brasileira aberta. Assim, parcela da tropa deu início ao desembarque de todo o material, o que permitiria a autossustentação do GptOpFuzNav por vinte dias.

O Embaixador Armando Cardoso havia conseqüido reunir os brasileiros que desejavam ser repatriados em local próximo à Embaixada e transportá-los até o aeroporto. Ali, a UT de Evacuação realizou a triagem, transmitiu as orientações para o voo e equipou os civis com coletes e capacetes balísticos, para que, tão logo o desembarque do material fosse encerrado, todos pudessem ser acomodados no interior da aeronave. As ações em solo levaram cerca de trinta minutos, com a aeronave permanecendo, todo o tempo, com os motores girando, pronta para uma decolagem de emergência.

Com todos os evacuados a bordo, a aeronave da FAB retornou ao Brasil, deixando no Haiti os dezesseis fuzileiros navais que passaram a compor o Destacamento de Segurança da Embaixada brasileira em Porto Príncipe. Esse grupo estabeleceu seu Posto de Comando na Chancelaria do Brasil. Além da área da Chancelaria, o Destacamento mantinha segurança ininterrupta na residência do Embaixador, se envolvendo em todas as atividades que pudessem representar riscos. Além disso, o Destacamento também acompanhava as manutenções de meios e instalações, bem como realizava a inspeção de fornecedores e de todo o material recebido, diariamente. Reconhecimentos de itinerários e dos locais onde o Embaixador estaria presente, também faziam parte da rotina.

Os vinte dias iniciais, previstos para a permanência do Destacamento, foram ampliados por solicitação do Embaixador, haja vista a falta de estrutura da Polícia Haitiana, que não conseguia evitar a onda de crimes na capital, mesmo com a presença da *Multinational Interim Force* (MIF) que atuava em todo o país, tentando desarmar as forças rebeldes. Além disso, o Brasil iniciara as tratativas para integrar a Força de Paz da ONU a ser criada no Haiti, o que levou o Embaixador a perceber a importância de ter militares junto à Embaixada, para auxiliar nos contatos com a MIF e com os elementos avançados das Nações Unidas, empenhados na implantação da MINUSTAH.



### **Chegada do ressuprimento em 19 de março**

Assim, em 19 de março de 2004, as aeronaves que trouxeram o ressuprimento para o Destacamento de Fuzileiros Navais, trouxeram também pessoal das três Forças Singulares e do Ministério da Defesa, para realizarem o primeiro reconhecimento brasileiro do Haiti, a fim de permitir o planejamento detalhado para envio da Brigada brasileira que comporia a MINUSTAH. A partir de então, o Destacamento, além de manter o esforço principal nas atividades de segurança e proteção, iniciou ações de reconhecimento e coordenação para a chegada da Força de Paz brasileira.

### **CONCLUSÃO**

Depois da Operação de Evacuação de Não Combatentes, realizada em 2004, os fuzileiros navais não mais deixaram o Haiti. Eles estiveram presentes na Embaixada e participaram dos 26 contingentes brasileiros que contribuíram com a construção da estabilidade e da melhoria nas condições de segurança da população haitiana, durante os treze anos da MINUSTAH. Ainda hoje, permanecem juntos à representação diplomática brasileira, garantindo a integridade do Embaixador e permitindo a cooperação brasileira com aquele país.

A experiência adquirida naquela operação, onde a prontidão foi testada de maneira rigoro-



### **Comitiva MD para RECON em 19 de março**

sa, haja vista o curto tempo entre o acionamento da missão e a partida para a área de operações, serviu como embasamento para o aprimoramento de normas internas da Marinha e para o aperfeiçoamento dos cursos de capacitação de pessoal. Ademais, esse importante episódio da história do CFN demonstrou, mais uma vez, a prontidão e a capacidade expedicionária dos fuzileiros navais, sempre comprometidos com os interesses do Brasil, dentro e fora do País. ■

### **NOTAS**

(1) Assim são conhecidos os militares das diferentes nações empregados nas operações de paz sob a égide da Organização das Nações Unidas.

(2) De acordo com o relatório 2021/2022 do *United Nations Development Programme* (<https://hdr.undp.org/data-center/country-insights#/ranks>)

(3) *Country Office Annual Report 2022 – Haiti* (<https://www.unicef.org/media/135966/file/Haiti-2022-COAR.pdf>)

(4) Mais de 1,7 milhão, de acordo com os dados coletados no censo de 2021 pelo *United States Census Bureau*, se considerados os nascidos no Haiti e os que reportaram ancestralidade haitiana ([https://data.census.gov/](https://data.census.gov/table?q=B04006:%20PEOPLE%20REPORTING%20ANCESTRY&g=010XX00US&tid=ACSDTIY2021.B04006)[https://data.census.gov/](https://data.census.gov/table?q=B05006:+PLACE+OFF+BIRTH+FOR+THE+FOREIGN-BORN+POPULATION+IN+THE+UNITED+STATES&tid=ACSDTIY2021.B05006)[table?q=B05006:+PLACE+OFF+BIRTH+FOR+THE+FOREIGN-BORN+POPULATION+IN+THE+UNITED+STATES&tid=ACSDTIY2021.B05006](https://data.census.gov/table?q=B05006:+PLACE+OFF+BIRTH+FOR+THE+FOREIGN-BORN+POPULATION+IN+THE+UNITED+STATES&tid=ACSDTIY2021.B05006)).

(5) Subunidade criada em 1948 e vocacionada para, entre outras, realizar ações de segurança de instalações e proteção de autoridades civis e militares. Desde 1995, ao receber a tarefa de estabelecer a segurança da Embaixada Brasileira em Argel, a Companhia iniciou curso específico para a capacitação de Fuzileiros Navais designados para tais missões. Depois do Destacamento na Argélia, criado em 1996, foram criados o do Paraguai em 1997 (ativo), o do Haiti em 2004 (ativo), o da Bolívia em 2005 (ativo) e o da Líbia em 2013.

(6) O CFN realiza processo de seleção de pessoal voluntário, que leva em conta atributos morais, profissionais e físicos, postos a prova durante curso de capacitação específico, onde são apresentados conhecimentos técnicos necessários ao desempenho das atividades de Segurança de Embaixadas. O pessoal capacitado integra banco de dados que permite o envio de rendições dos Destacamentos de Segurança, bem como a ativação de novos Destacamentos. No ano anterior ao seu desdobramento, o militar selecionado para rendição dos Destacamentos de Segurança de Embaixadas passa por reciclagens e desempenha tarefas similares na CiaPolBtlNav, até a data de sua movimentação para a Embaixada.

---

\* Contra-Almirante (FN), comandou, como Capitão-Tenente (FN), o GptOpFuzNav que realizou a Operação de Evacuação de Não Combatentes em FEV2004, e, de DEZ2016 a MAI2017, como Capitão de Mar e Guerra (FN), comandou o 25º GptOpFuzNav-Haiti, nucleado no 3ºBtlInfFuzNav, Batalhão Paissandu.